FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **165**
MAIO 2015



FAZ – Ideias de Origem Portuguesa
4ª edição

neste número pode ler



4

Concurso Ideias de Origem Portuguesa: os finalistas

Rebanhos comunitários em terrenos baldios, uma rádio *online* para crianças, borboletários e comercialização de produtos da colmeia, são algumas das ideias destacadas pelo júri na 4.ª edição do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa. Os vencedores deste concurso de ideias de empreendedorismo social, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigido à diáspora portuguesa, serão anunciados a **11 de junho**.

8

Penelope Curtis no Museu Gulbenkian

A historiadora de arte e atual diretora da Tate Britain será, a partir do outono, a nova diretora do Museu Calouste Gulbenkian. Penelope Curtis é diretora da Tate Britain desde abril de 2010, onde coordenou várias exposições, tendo sido responsável pela abertura da nova Tate Britain, em 2013, e pela reorganização das suas galerias. Curtis foi ainda presidente do júri do prémio Turner, um dos mais prestigiados prémios de arte britânicos.

10

Jazz em Agosto – 32.ª edição

A programação deste ano terá oito concertos no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian, com destaque para as duas atuações do saxofonista Mats Gustafsson, nos projetos Fire! Orchestra e Swedish Azz. Destaque especial também para a celebração do 50.º aniversário da AACM de Chicago, com a presença de Henry Threadgill e Wadada Leo Smith, músicos emblemáticos desta associação. O festival decorre de **31 de julho a 9 de agosto**.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER Número 165.maio.2015 | ISSN 0873-5980
Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação
Design José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva | [**DD**LX] | **Revisão de texto** Rita Veiga
Imagem da Capa FAZ – Ideias de Origem Portuguesa 2014, 3ª edição © Carlos Porfírio
Impressão Greca Artes Gráficas | **Tiragem** 9 000 exemplares
Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



20

Jovens estrelas no Grande Auditório

São jovens músicos, estão em início de carreira, mas já são reconhecidos pela sua qualidade. A European Concert Hall Organisation (ECHO) – rede que associa as principais salas de concerto europeias e que conta com a Fundação Gulbenkian e a Casa da Música entre os seus membros –, promove o programa Rising Stars onde se apresentam estas estrelas em ascensão, como o Quarteto de Matosinhos, num intenso fim-de-semana de **15 a 17 de maio**.

23

Outras literaturas no Próximo Futuro

Este mês, o Programa Gulbenkian Próximo Futuro apresenta três sessões sobre outras literaturas: Banda Desenhada, Policial e Ficção Científica. Muitas vezes consideradas géneros menores da literatura são, no entanto, motivo de atração para o público e elemento de reflexão sobre o mundo contemporâneo. As sessões realizam-se a **15 e 16 de maio**.



24

Redescobrir Jorge Ferreira de Vasconcelos

O dramaturgo quinhentista Jorge Ferreira de Vasconcelos é a figura central de um colóquio a realizar na Fundação Calouste Gulbenkian nos dias **28 e 29 de maio**. Esta iniciativa enquadra-se nas comemorações do quinto centenário do seu nascimento e resulta de uma parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian, a Biblioteca Nacional e o Teatro Maizum.

índice

notícias

4 **Ideias de origem portuguesa: os finalistas**

6 **Comemorações em Paris até 2016**

7 **3.º Fórum Portugal-Alemanha**

8 **Penelope Curtis no Museu Gulbenkian**

10 **Jazz em Agosto**

12 **Bolsa Laço 2015 para investigadora do IGC**

12 **Presidente do Instituto Howard Hughes visita IGC**

13 **IGC no Belém ArtFest**

13 **Encontro anual de estudantes de doutoramento**

14 **breves**

bolseiros gulbenkian

16 **Ana Rebordão**

em maio

música

19 **Odisseia no palco**

20 **Jovens estrelas no Grande Auditório**

22 **DakhaBrakha**

conferências

23 **Outras literaturas no Próximo Futuro**

24 **Jorge Ferreira de Vasconcelos**

exposições

26 **Uma obra em foco no Museu Gulbenkian**

26 **Outras exposições**

28 **novas edições**

29 **Catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

uma obra

30 **Diferença/Diálogo**



Ideias de Origem Portuguesa: os finalistas

Rebanhos comunitários em terrenos baldios, uma rádio online para crianças, borboletários e comercialização de produtos da colmeia, são algumas das ideias destacadas pelo júri na 4.ª edição do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa. Os vencedores serão anunciados dia 11 de junho.

Já são conhecidos os dez projetos finalistas da 4.ª edição do FAZ – Ideias de Origem Portuguesa (FAZ-IOP), o concurso de ideias de empreendedorismo social promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigido à diáspora portuguesa. Entre 54 ideias submetidas a concurso, que envolveram cerca de 200 participantes de 28 países, incluindo Portugal, o júri selecionou dez ideias para projetos muitos diversos, que se dirigem à resolução de problemas locais e específicos, em alguns casos, e noutros a questões mais globais e abrangentes.

As dez equipas finalistas, que integram membros de países tão diferentes como Angola, Chile, Finlândia, Suíça, Brasil, Espanha, Noruega, Alemanha e Reino Unido, irão receber formação intensiva do Instituto de Empreendedorismo Social na primeira semana de junho, que precede o anúncio do vencedor do concurso no dia 11.

Os finalistas

Entre os projetos finalistas desta edição do FAZ-IOP está o **TEIA – Transforming Emigration into Action**, que pretende criar um *marketplace online* para juntar empreendedores portugueses que queiram internacionalizar os seus negócios com emigrantes portugueses estabelecidos pro-

fissionalmente no estrangeiro; o **Colab**, por outro lado, que se apresenta como um laboratório de experimentação de novas formas de trabalho em colaboração; e o **Ligação Solidária 123**, que propõe o reaproveitamento de cabos e carregadores através da sua recolha, seleção e comercialização.

Aliar sustentabilidade, apicultura e educação ambiental é o que propõem os promotores do **BeeRural**, outro dos projetos finalistas, que pretende desenvolver uma atividade centrada na comercialização de produtos da colmeia, como o mel, pólen, cera e própolis. O projeto **Cidade com Asas**, por sua vez, tem como elemento central uma plataforma ambiental (viveiro, jardim e borboletário) como forma de promover a curiosidade científica e o interesse dos mais jovens para as temáticas ecológicas, mas também estimular a aprendizagem social e a reflexão sobre a sustentabilidade e o ecossistema urbano. Instalar um rebanho comunitário em terrenos baldios, aproveitando recursos abandonados ou pouco explorados, é a proposta do projeto **Rio Frio – Território Criativo**, para tornar o território sustentável e resiliente, minimizando o risco de incêndios, promovendo o equilíbrio dos ecossistemas e a conservação da biodiversidade.

Da seleção do júri fazem ainda parte os projetos **Webradio para Crianças**, uma rádio *online* falada em português, em que os conteúdos são direcionados para as crianças, podendo ser igualmente uma ferramenta para pais e educadores, e **Letras para Todos**, um projeto de inclusão social que tem como objetivo tornar a leitura acessível a pessoas que por qualquer motivo físico, psíquico ou social apresentem dificuldades em ler e/ou compreender.

Por último, dois projetos que sublinham o papel das artes e dos artistas no desenvolvimento das comunidades: **Manta de Retalhos**, que tem como objetivo permitir o acesso às artes em áreas do país com reduzida oferta artística e fazer das pessoas envolvidas os criadores da sua própria cultura;



Rés-do-Chão, um dos premiados em 2013 © Márcia Lessa



Fruta Feia, um dos premiados em 2013 © Armando França

e **Cidade Oficina**, um projeto de emancipação social, que tem como protagonistas jovens de contextos vulneráveis na cidade do Porto, apoiados nas suas atividades por uma plataforma que junta associações e artistas.

Vencedores das edições anteriores

Lançado em 2010 pela Fundação Calouste Gulbenkian, o FAZ-IOP surgiu como movimento destinado a apoiar projetos nas áreas do Ambiente e Sustentabilidade, Diálogo Intercultural, Envelhecimento e Inclusão Social. O vencedor da 1.ª edição do concurso foi o projeto Arrebita!Porto, uma ideia do arquiteto José Paixão, então residente em Viena, de reabilitação a custo zero de edifícios devolutos.

Em 2013, a Orquestra XXI, projeto de criação de uma orquestra formada por jovens músicos portugueses a residir no estrangeiro ficou em 1.º lugar no concurso, seguida dos projetos Fruta Feia (2.º lugar) e Rés-do-chão (3.º lugar). Os três projetos são hoje uma realidade, reconhecida em Portugal e internacionalmente.

No ano passado, o FAZ-IOP distinguiu em primeiro lugar o projeto Sumos Portugal, que consistia na criação de uma rede de pontos de venda de sumos naturais empregando na sua cadeia de produção pessoas com deficiência, mas também os projetos Salva a Lã Portuguesa (2.º lugar) e Plantei.eu (3.º lugar).

O vencedor da quarta edição do FAZ-IOP será anunciado a 11 de junho, numa cerimónia que conta com a presença do Presidente da República. O prémio, no valor de 50 mil euros, é inteiramente destinado ao financiamento dos projetos, dos quais 25 mil euros são atribuídos ao vencedor, 15 mil euros ao segundo lugar e 10 mil euros ao terceiro. Na mesma cerimónia, serão também anunciados os vencedores do Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa, promovido pela Cotec. ■



Amadeo de Souza-Cardoso, *Sem título* (Clown, Cavalo, Salamandra), Óleo sobre Tela, c. 1911-12 (pormenor)

Comemorações em Paris até 2016
Amadeo no Grand Palais

Em 2015 celebra-se o cinquentenário das atividades da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris. O programa das comemorações estender-se-á até 2016, culminando na mostra dedicada à obra de Amadeo de Souza-Cardoso, que o Grand Palais vai acolher entre março e julho do próximo ano, nas galerias atualmente ocupadas por uma grande exposição dedicada a Velázquez. Será um acontecimento que certamente marcará a agenda de exposições na capital francesa, proporcionando uma oportunidade inédita de dar a conhecer a um público global o trabalho daquele que é "provavelmente o mais importante artista modernista português", nas palavras da curadora Helena de Freitas.

As comemorações oficiais dos 50 anos da Fundação em Paris realizam-se no dia **15 de setembro de 2015**, com a presença do Conselho de Administração na Delegação em França, cujas instalações ocupam, desde outubro de 2011, o n.º 39 do boulevard de la Tour Maubourg. Nessa ocasião será apresentado um estudo elaborado por Rui Ramos, professor do Instituto de Ciências Sociais, convidado pela Fundação para refletir sobre os seus 50 anos de atividade em Paris. E no mesmo dia, é inaugurada a exposição *A Sul de Hoje. La création contemporaine au Portugal*, com curadoria de Miguel von Hafe Perez.

Cinquenta anos depois da sua inauguração, a 3 de maio de 1965, a Delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian ocupa um lugar importante na paisagem cultural e artística de Paris. E, num momento difícil para a Europa, tem como objetivo contribuir para o debate de ideias. O ciclo de conferências "Tout se transforme" insere-se neste quadro, com a apresentação no dia **28 de maio** da conferência *Démocratie et justice sociale au-delà de l'État-nation*, com Étienne Balibar e Nancy Fraser, uma iniciativa da Delegação em parceria com o Collège d'études mondiales – Fondation Maison des sciences de l'homme. No dia 25 de junho, será Manuel Castells a marcar presença na Fundação em Paris, com uma conferência dedicada ao tema *Des mouvements sociaux en réseaux au changement politique*.

Pliure e outras exposições

Entre janeiro e abril deste ano, foram muitos os novos visitantes na Delegação, movidos pelos ecos positivos na imprensa especializada francesa suscitados pela exposição *Pliure*, sobre os livros e a arte. Comissariada por Paulo Pires do Vale, a segunda parte desta exposição decorre atualmente no Palais des Beaux-Arts, onde ficará até 7 de junho. Trata-se de uma coprodução com a École nationale supérieure des beaux-arts de Paris (ENSBA), que põe lado a lado artistas como Joseph Beuys, Dürer, Francesca Woodman, Fernanda Fragateiro, Matisse, Georges Méliès e Diogo Pimentão.

Em 2016, a Delegação em Paris realiza ainda, entre janeiro e abril, uma exposição de trabalhos recentes de Julião Sarmento, com curadoria de Ami Barak, e na Cité de l'architecture et du patrimoine, entre abril e julho, será apresentada a exposição *Les universalistes. Architecture portugaise 1965-2015*, com curadoria do arquiteto Nuno Grande, que assinala "a vocação universalista das últimas gerações de arquitetos portugueses, sempre em diálogo com o mundo". Na lista de arquitetos presentes nesta exposição constam Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura, Pancho Guedes, os irmãos Aires Mateus, Gonçalo Byrne, Ruy Athouguia e Nuno Teotónio Pereira, entre outros. ■

3º Fórum Portugal-Alemanha

A 27 e 28 de maio, realiza-se o 3.º Fórum Portugal-Alemanha, organizado pela Fundação Gulbenkian, pelo Instituto de Política Europeia de Berlim (IPE) e pelo Instituto Português para as Relações Internacionais (IPRI). O Fórum tem como objetivo contribuir para o estreitamento das relações entre os dois países no plano político, económico, social e cultural, fomentando a confiança mútua e combatendo estereótipos.

A iniciativa lançada pelas três instituições em janeiro de 2013, em Lisboa, teve continuidade em Berlim no ano passado. Para a edição deste ano, além da presença esperada dos ministros dos Negócios Estrangeiros de ambos os países, estão agendados debates sobre o relançamento da economia, na perspetiva do crescimento e do investimento europeus, bem como sobre o futuro da Europa nas suas várias vertentes de unidade, diversidade e democracia.

Nos dois dias do Fórum, haverá ainda painéis de discussão sobre o emprego e a sustentabilidade da chamada "Europa social" e também sobre a ciência, a investigação e a inovação europeias. Do lado português participarão, além do presidente da Fundação Gulbenkian, atuais e antigos membros do Governo, empresários, investigadores e académicos prestigiados. O historiador alemão Heinrich August Winkler será um dos convidados deste Fórum que, além do diretor do Instituto de Política Europeia de Berlim, terá também a presença de membros do Governo, deputados e académicos reconhecidos. Heinrich August Winkler é professor emérito da Universidade Humbolt de Berlim, autor de vários livros e um estudioso da História recente da Alemanha, nomeadamente do caminho percorrido para a democracia. ■

Programa

27 MAIO

15H SESSÃO DE ABERTURA
Artur Santos Silva *Presidente FCG*
Mathias Jopp *Diretor IPE*
Nuno Severiano Teixeira *Presidente IPRI*

15H30 INTERVENÇÃO DOS MINISTROS DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
Rui Machete
Frank-Walter Steinmeier

16H30 RELANÇAMENTO DA ECONOMIA, INVESTIMENTO E CRESCIMENTO NA EUROPA
Presidente da mesa: **Daniel Bessa** *Cotec Portugal*
Intervenções: **Werner Hoyer** *presidente Banco Europeu de Investimento;* **Miguel Poiares Maduro** *Ministro do Desenvolvimento regional*

17H50 EUROPA SOCIAL, SUSTENTABILIDADE E EMPREGO
Presidente da Mesa: **Andreas Krell**, *Blue Growth*
Intervenções: **Jörg Asmussen** *secretário de Estado do Trabalho e Assuntos Sociais;* **Fernando Medina** *Presidente da Câmara de Lisboa;* **Jo Leinen** *Parlamento Europeu,* **José Silva Peneda** *antigo presidente, Conselho Económico e Social*

28 MAIO

9H O FUTURO DA EUROPA: UNIDADE, DIVERSIDADE E DEMOCRACIA
Presidente da Mesa: **Gülabatin Sun** *director, Deutsche Bank*
Intervenções: **António Vitorino**, *presidente da Notre Europe;* Joachim Poß, *deputado Bundestag;* **Paulo Mota Pinto**, *presidente da Comissão Parlamentar dos Assuntos Europeus;* **Gisela Müller-Brandeck-Bocquet**, *Universidade de Würzburg;* **Luís de Almeida Sampaio**, *embaixador português na Alemanha*

11H15 CIÊNCIA, INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO NA EUROPA
Presidente da Mesa: **Manuel Heitor** *antigo secretário de Estado da Ciência*
Intervenções: **Gonçalo Quadros** *CEO Critical Software;* **Luís Portela** *CEO BIAL;* **Ruth Bendels** *Junge Akademie, Berlim;* **Dirk Elias** *Associação Fraunhofer Portugal Research, Porto*

12H CONFERÊNCIA FINAL
Paulo Portas, *vice primeiro-ministro*

12H45 CONCLUSÕES
Nuno Severiano Teixeira
Katrin Böttger *IPE*



Penelope Curtis no Museu Gulbenkian

A atual diretora da Tate Britain, Penelope Curtis, vai assumir a direção do Museu Gulbenkian a partir do próximo outono.

O nome da historiadora de arte britânica foi escolhido entre as cerca de três dezenas de candidatos a um concurso internacional promovido pela Fundação para preencher o lugar deixado em aberto com a saída de João Castel-Branco Pereira, que dirigiu o Museu entre 1998 e 2014. A curadora foi responsável pelo recente projeto de renovação da Tate Britain que levou a uma reorganização da galeria de arte. Anteriormente, dirigiu o Henry Moore Institute, em Leeds, onde coordenou um abrangente programa de exposições e pesquisas que ofereceram ao público diferentes olhares sobre a cultura. Comentando a notícia, Penelope Curtis diz "sentir-se entusiasmada por ser a primeira estrangeira a assumir o cargo de diretora do Museu Calouste Gulbenkian", e ainda "pela possibilidade de trabalhar em Portugal numa instituição forte que procura novos caminhos". E acrescenta: "Desejo manter tudo o que é bom no Museu, que eu admiro profundamente, e ao mesmo tempo, trabalhar para que o Museu aproveite o seu potencial e o seu contexto, de uma forma mais abrangente, especialmente na relação com o Centro de Arte Moderna." Sobre esta escolha, o presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, Artur Santos Silva, afirmou: "A visão e a autoridade curatorial de Penelope Curtis, assim como a sua elevada qualidade intelectual, ajudarão a abrir um novo ciclo na vida do Museu Calouste Gulbenkian, reforçando a sua dimensão internacional e a sua capacidade de intensificar colaborações com grandes museus de todo o mundo, por exemplo com a Tate, que tem sido, desde cedo, um parceiro próximo e construtivo." O Museu Gulbenkian acolhe uma coleção de cerca de 6000 obras de arte desde a Arte Egípcia até às primeiras décadas do século XX, tendo sido eleito um dos 10 melhores pequenos museus do mundo pela qualidade e diversidade do seu acervo. Em 2014, o museu contou com cerca de 273 mil visitantes.

"Desejo manter tudo o que é bom no Museu, e ao mesmo tempo, trabalhar para que o Museu aproveite o seu potencial e o seu contexto, de uma forma mais abrangente, especialmente na relação com o Centro de Arte Moderna."

Penelope Curtis

Curadoria e história de arte

Penelope Curtis, 53 anos, estudou História Moderna no Corpus Christi College, Oxford (1979-1982), a que se seguiu um mestrado e um doutoramento sobre escultura francesa pós-Rodin no Courtauld Institute of Art (1983–1989). Assumiu o cargo de diretora na Tate Britain em abril de 2010, onde coordenou várias exposições, tendo sido responsável pela abertura da nova Tate Britain, em 2013, e pela reorganização das galerias. Curtis foi ainda presidente do júri do prémio Turner, um dos mais prestigiados prémios de arte britânicos.

Antes de assumir a direção da Tate Britain, Penelope Curtis foi curadora no Henry Moore Institute, em Leeds, a partir de 1999, tendo sido responsável por um programa de exposições envolvendo esculturas de todas as épocas. Para além de ter aprofundado o conhecimento sobre as coleções, promovendo a investigação e novas publicações, foram adquiridas obras de artistas como Rodin, Epstein e Calder. Foi a primeira curadora de exposições na Tate Liverpool, aquando da sua abertura em 1988.

Assinou a curadoria ou co-curadoria de exposições maiores como *Barbara Hepworth: A Retrospective* na Tate Liverpool, em 1994, *Sculpture in Painting*, em 2010, no Henry Moore Institute e *Modern British Sculpture*, na Royal Academy, em 2011.





© José Manuel Costa Alves

O seu campo de investigação incide fundamentalmente sobre a arte do período entre guerras, arquitetura e arte contemporânea, tendo publicado vários livros e ensaios sobre estes temas. Tem realizado conferências em museus e universidades dentro e fora do Reino Unido. Recentemente foi oradora de um ciclo de conferências, as Paul Mellon Lectures, que se realizou na National Gallery, em janeiro-fevereiro, e em Yale, em abril. As suas publicações incluem "Sculpture 1900–1945" no *Oxford History of Art* (Oxford 1999) e *Patio & Pavilion: the place of sculpture in modern architecture* (Ridinghouse/Getty 2007). Foi membro da Art Commissions Committee for the Imperial War Museum e, entre outros cargos, integra atualmente o Advisory Committee for the Government Art Collection. ■

O Museu Gulbenkian dispõe de vários núcleos dedicados à Arte Egípcia, Arte Greco-Romana, Arte do Oriente Islâmico (ilustrado na foto por um conjunto de lâmpadas de mesquita), Arte do Extremo-Oriente e Arte Europeia, da Idade Média ao século XIX. Apresenta ainda um núcleo de Artes Decorativas, com peças de coleções reais e uma sala totalmente dedicada às jóias e vidros de René Lalique.

Jazz em Agosto
32.ª edição

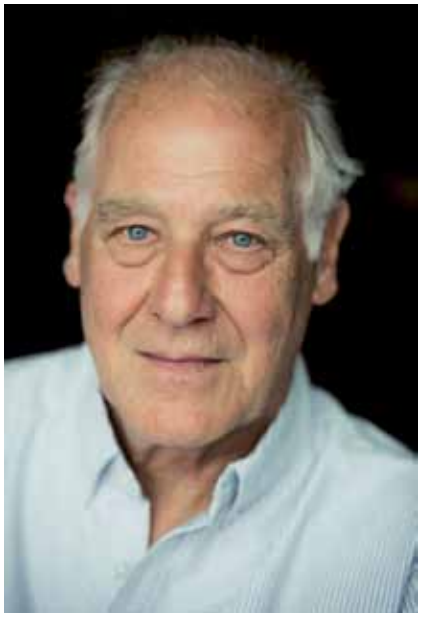


Já é conhecida a programação da 32.ª edição do Jazz em Agosto. Entre 31 de julho e 9 de agosto, o Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Calouste Gulbenkian recebe oito concertos, com destaque para as duas atuações do saxofonista Mats Gustafsson, com dois projetos, a Fire! Orchestra – no concerto de abertura – e o quinteto Swedish Azz. Destaque especial também para a celebração do 50.º aniversário da AACM de Chicago, com a presença de Henry Threadgill e Wadada Leo Smith, músicos emblemáticos desta associação.

Wadada Leo Smith © Scott Goller

A programação deste ano é marcada pela presença em Lisboa de grandes formações orquestrais e pela própria intemporalidade do jazz, com músicos que regressam a projetos do passado para os reinventar ou que, por meio de novos projetos, realçam a importância do seu percurso.
A responsabilidade do concerto de abertura recai sobre a **Fire! Orchestra**, um projeto ambicioso de Mats Gustafsson. Em Lisboa, apresentam-se no festival com 19 músicos, numa grande formação com uma energia arrebatadora. Fire! Orchestra revela a força explosiva da música criada a partir de fricções entre o jazz, o rock psicadélico, a música improvisada e a eletrónica **[31 jul, 21h30]**.
O trompetista austríaco **Michael Mantler** revisita o seu homónimo álbum histórico da Jazz Composer's Orchestra, que dirigiu em 1968. Mais de 45 anos depois, Mantler descobriu a intemporalidade do espírito libertador dessa gravação (que contou com o talento de Carla Bley, Don Cherry, Pharoah Sanders ou Cecil Taylor) ao transferir o reportório para a Nouvelle Cuisine Big Band, processo fixado no álbum *The Jazz Composer's Orchestra Update*. Em exclusivo no Jazz em Agosto, Michael Mantler e os solistas da Nouvelle Cuisine, serão agora acompanhados pela **Orquestra Jazz de Matosinhos [01 ago, 21h30]**.

Segue-se **Mats Gustafsson's Swedish Azz**. Tomados pelo desejo de homenagear o fundador do jazz sueco dos anos 1950 e 1960, inspirado nos sons que chegavam da West Coast, mas permeável à música de tradição local, Mats Gustafsson e Per Åke Holmlander formaram um novo quinteto ligado por esse interesse comum. A homenagem, no entanto, não desemboca em reverência, e os músicos do Swedish Azz pegam em tal legado e tornam-no seu, cruzando-o com a atração pela exploração de novos territórios, amplificados pela eletrónica de Dieb13 **[02 ago, 21h30]**.
Retomando uma colaboração já fixada em disco (*Empire*, 2011), os portugueses **RED trio** voltam a encontrar-se com o saxofonista inglês **John Butcher**, reputado experimentalista e com um percurso de absoluta independência. O cada vez mais internacional trio de música improvisada pisa novamente um palco com Butcher, revelando aquilo que o crítico Stuart Broomer descreveu como "uma espantosa intimidade musical, ligando de forma original *free jazz* e improvisação livre" **[05 ago, 21h30]**.
Lok 03 é uma travessia no espaço e no tempo, que leva os pianos de **Alexander von Schlippenbach** e **Aki Takase,** mais a mestria de DJ assinada por **illvibe**, em viagem por Berlim, Alma Ata, Istambul, Oklahoma, Buenos Aires e



Michael Mantler © JB Millot



Lok 03 © DR

Osaka. Esse mesmo conceito é agora recuperado enquanto acompanhamento improvisado do filme *Berlim: Sinfonia de uma Cidade*, de 1927 **[06 ago, 21h30]**.

Ao mudar-se para Austin, o contrabaixista norueguês **Ingebrigt Håker-Flaten** *(Atomic, The Thing)* procurou uma comunidade de músicos com quem pudesse forjar de raiz uma nova formação. O resultado dessa busca é este sexteto intitulado **The Young Mothers**, descrito pelo crítico Clifford Allen como "uma banda brilhante que funde o jazz moderno, a improvisação livre, o rock independente, o hip-hop e um ululante *groove* afro reminiscente da Brotherhood of Breath" **[07 ago, 21h30]**.

Um dos grandes destaques da edição deste ano é a apresentação em estreia europeia de uma das mais notáveis obras dos últimos anos. **Wadada Leo Smith** traz o tom épico das suas **The Great Lakes Suites**, álbum lançado em 2014 que é toda uma depurada súmula da sabedoria sonora acumulada pelo trompetista ao longo de décadas, liderando um quarteto de sonho. Músico de visão inspirada, responsável pelo estabelecimento de uma linguagem da improvisação desde a sua passagem pela AACM (Association for the Advancement of Creative Musicians), Leo Smith volta aqui a encontrar outro histórico dessa bolsa de talento, **Henry Threadgill**, assim como o espírito original da AACM em ano de 50.º aniversário da associação **[08 ago, 21h30]**.

A fechar a programação atua a **Orchestre National de Jazz**, sob a direção de **Olivier Benoît**. Totalmente redesenhada em 2014, a Orchestre passou a desenvolver, desde então, um programa ambicioso intitulado *Europa*, consagrado a uma série de retratos de cidades, com o propósito de esboçar um complexo e subjetivo mapa musical da contemporaneidade europeia. Benoît avança agora sobre Berlim, um novo projeto a ser apresentado no Jazz em Agosto **[09 ago, 21h30]**. ■



Fire! Orchestra © Micke Keysendall



RED Trio © Nuno Martins

Bolsa Laço 2015 para investigadora do IGC



Florence Janody, investigadora principal no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), foi premiada com a Bolsa Laço 2015, no valor de 25 mil euros. Este financiamento irá apoiar os estudos da cientista sobre as alterações que ocorrem no esqueleto da célula, aquando da transição de células normais para células cancerígenas nos tecidos da mama. O objetivo final da investigação é contribuir para o desenvolvimento de estratégias terapêuticas que bloqueiem o desenvolvimento de cancro, antes de as células tumorais adquirirem a capacidade de se metastizar. Florence Janody sublinha a satisfação por ver este trabalho "contribuir para a nobre missão da Laço, que visa melhorar a prevenção do cancro de mama, diagnóstico e tratamentos". Este ano, Wolfgang Link, investigador do Centro de Biomedicina Molecular e Estrutural da Universidade do Algarve, foi outro dos vencedores de uma Bolsa Laço 2015. ■



Presidente do Instituto Howard Hughes visita IGC

Robert Tjian, presidente do Howard Hughes Medical Institute (HHMI), estará a 20 de maio no IGC para dar uma palestra e falar com a comunidade científica. A visita enquadra-se na deslocação a instituições portuguesas com cientistas membros do HHMI: IGC, Fundação Champalimaud e Instituto de Medicina Molecular.

Este prestigiado instituto norte-americano desenvolve um programa científico dentro e fora da instituição, reconhecendo e financiando cientistas de todo o mundo. Em Portugal, são cinco os cientistas que fazem parte do International Early Career Scientist Programme do HHMI: Karina Xavier e Miguel Godinho Ferreira, do IGC; Megan Carey e Rui Costa, da Fundação Champalimaud; e Luísa Figueiredo, do Instituto de Medicina Molecular. ■



IGC no Belém Art Fest

O Belém Art Fest – o festival dos Museus à noite – junta este ano a Ciência à sua programação cultural. Para tal, conta com a participação do Instituto Gulbenkian de Ciência e da Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica, que levam ao festival várias atividades científicas que vão explorar, entre outras coisas, como o cérebro perceciona estímulos sensoriais como a luz e o som.

A 4.ª edição do Belém Art Fest decorre nos dias **15 e 16 de maio** no claustro do Mosteiro dos Jerónimos, Museu Nacional de Arqueologia, Museu Coleção Berardo e Jardim do Império. Durante o evento, os visitantes podem ainda assistir a concertos de bandas nacionais, dança, *stand-up comedy*, exposições e participar num *workshop* de fotografia. ■ **www.belem-art-fest.pt**

Encontro anual de estudantes de doutoramento

A reunião anual de estudantes de doutoramento Gulbenkian (AMeeGuS) terá lugar de **17 a 21 de maio** em Mondim de Basto. O encontro, organizado por alunos de doutoramento do Instituto Gulbenkian de Ciência, promove a partilha de projetos entre estudantes.

Este ano, os cientistas internacionais convidados vêm de diferentes áreas da Biologia – Armand Leroi, Shubha Tole e Hans Larsson –, e estarão lado a lado com alguns cientistas do IGC. Aos alunos Gulbenkian juntam-se ainda os do Centro de Estudos de Doenças Crónicas e do Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud. ■

Apresentação da Gulbenkian Música 15/16

Como já é tradição, a Temporada da Gulbenkian Música será apresentada ao público no mês de maio, no Grande Auditório da Fundação. O convite é dirigido aos assinantes, mas estende-se também a todos os melómanos, interessados e curiosos. Será exibido um vídeo de divulgação do programa da temporada 15/16, que se estende de setembro de 2015 a junho de 2016. O encontro realiza-se no dia **21 de maio, às 18h30** e a entrada é livre, sujeita aos lugares disponíveis. ■



Novo disco da Orquestra Gulbenkian

Uma edição discográfica com obras de Marc-André Dalbavie, interpretadas pela Orquestra Gulbenkian e dirigidas pelo próprio compositor, foi recentemente lançada pela etiqueta AmeSon. O disco inclui as obras *Sonnets*, *Sextine-Cyclus* e *Trois chansons populaires*. Esta última obra, uma trilogia de canções inspirada em Debussy e interpretada pelo contratenor Yury Mynenko, resultou de uma encomenda da Fundação Gulbenkian, estreada mundialmente no dia 14 de fevereiro de 2013, no Grande Auditório da Fundação. ■



Coro Gulbenkian evoca 100 Anos do Genocídio Arménio

O Coro Gulbenkian participou num concerto dedicado aos 100 Anos de Memória do Genocídio Arménio, realizado em Paris, Teatro Châtelet, no dia 21 de abril. Para além do Coro, juntaram-se a esta homenagem três elementos da Orquestra Gulbenkian, Samuel Barsegian, Varoujan Bartikian e Levon Mouradian, que integraram a Armenian World Orchestra, uma Orquestra criada especificamente para esta ocasião, composta por músicos arménios vindos dos quatro cantos do mundo. Esta formação efémera foi dirigida por Alain Altinoglu, jovem maestro francês, também ele de ascendência arménia.

O programa de homenagem incluiu obras de Komitas (Miniatures) e Aram Khatchatourian (Mascarade,) tendo sido apresentada, em estreia mundial, a obra *Ciel à vif*, um triplo concerto para piano, violino, violoncelo, coro e orquestra de Michel Petrossian. A encerrar o programa, foi tocado o Requiem de Mozart.

O administrador da Fundação Martin Essayan, sobrinho-bisneto de Calouste Gulbenkian assistiu a este concerto, que teve o alto patrocínio do Presidente da República francesa. A récita foi transmitida em direto pela televisão nacional da Arménia e pela Culturebox da Francetv, ficando a gravação disponível até dia 22 de outubro. ■

http://culturebox.francetvinfo.fr/live/musique/musique-classique/genocide-armenien-100-ans-de-memoire-soiree-musicale-216129



Apoio às artes em Cabo Verde

O Centro Cultural Português no Mindelo criou recentemente o Espaço Zeca Afonso, que integra uma biblioteca de língua e literatura portuguesa e de artes dos países lusófonos constituída por um acervo bibliográfico com 12 mil títulos. O Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento tem vindo a apoiar este acervo enviando obras dedicadas ao teatro, à dramaturgia, à pedagogia teatral e à história de arte.

A fotografia e a qualificação dos criadores artísticos é outra das áreas apoiadas pela FCG na ilha de S. Vicente, através das residências artísticas do Festival Internacional de Fotografia de Cabo Verde, que pretende promover e projetar internacionalmente os fotógrafos cabo-verdianos. Um fotógrafo internacional consagrado e um fotógrafo local com menos experiência desenvolvem um projeto conjunto, de forma a contribuir para o crescimento artístico e profissional dos fotógrafos locais. ■



Primeiro-ministro guineense na Fundação Gulbenkian

Antes da conferência de doadores, em Bruxelas, o primeiro-ministro da Guiné-Bissau esteve em Lisboa, no final de março, num encontro informal na Fundação Calouste Gulbenkian. Domingos Simões Pereira, antigo secretário executivo da CPLP e líder do PAIGC – Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, apresentou uma análise da situação do país e a sua estratégia de desenvolvimento até 2025, a uma audiência composta por cerca de 40 convidados, elementos da sociedade civil, parceiros da Guiné Bissau.

Este encontro foi promovido pela ONGD portuguesa ACEP e a Casa dos Direitos, iniciativa cívica de trabalho em rede, antiga esquadra/prisão e hoje um espaço de debate, formação e informação nos domínios dos direitos humanos. ■



*Ana Rebordão | 29 anos | Artes Visuais **

"Não existe uma fórmula para se ser artista"

Os artistas já nascem artistas?

Creio que um artista não surge de uma situação estável, nem apriorística. A produção artística deve alicerçar-se em coisas periclitantes, tais como memórias e medos. Apesar disso, acredito existirem predisposições inerentes a cada individuo que o levam a fazer arte. Não existe uma fórmula para se ser artista. No meu caso, compreendi cedo que a arte era o único terreno onde me poderia refugiar e, assim, fui seguindo o seu caminho. Acho que não nasci artista, foi a vida quem me fez sê-lo. É importante perceber-se que o artista é um individuo comum, o que o distingue é a capacidade de sofrer e expressar as patologias contemporâneas, integrando-as no mundo através de imagens, sons e palavras. Ser artista é ser-se capaz de viver com esta ferida aberta, transformando-a em linguagem.

Como soube que queria ser pintora?

Os meus pais deixaram-me desenhar nas paredes do quarto e vivi a minha infância nessa espécie de caverna gatafunhada. Isso certamente influenciou a minha relação com a pintura, olhando-a como lugar de expressão experimental e sem limites. Papéis, telas, ecrãs ou paredes, para mim todos estes suportes são válidos. Além disso, nutro um intenso fascínio por imagens, lembro-me de consumir os livros de História da Arte com avidez, observando as diáfanas Virgens de Leonardo da Vinci ou os frescos de Giotto – foi uma emoção vê-los em Pádua, as cores eram vibrantes e muito diferentes das páginas dos manuais escolares. Também era viciada em desenhos animados da Walt Disney e filmes como a Guerra das Estrelas. Entranhei toda esta cultura visual no corpo e recorro a ela quando me expresso. É para mim natural que ao produzir um vídeo ou um texto tenha presente um olhar de pintora – que dita e enquadra as imagens. Quis seguir Pintura na Faculdade de Belas-Artes [da Universidade] de Lisboa [FBAUL] para a dominar como meio de expressão. Depressa percebi que é indomável, talvez por isso continue a lutar ao seu lado, mas também contra ela.



Malmö, Suécia

A sua formação base é em pintura, mas usa outras técnicas nos seus trabalhos. Esta diversidade é importante para si?

A minha última experiência com a pintura (sobre tela) foi bastante dolorosa. Nos últimos anos em que estudei na Maumaus – Escola de Artes Visuais, não senti necessidade de pintar e, agora que estou em Malmö e tenho o meu próprio ateliê, julguei ser o momento certo para retomar a prática. Comprei uma tela de três metros por dois e atirei-me ao trabalho, acreditando que algo se havia de concretizar. Enquanto pintava, olhava para a tinta e pincéis pensando na redundância dos meus gestos e estalavam-me na cabeça frases soltas, palavras e personagens. Percebi que tinha de escrever e que, naquele momento, perdera o confronto com a pintura – é assim, parece que a escrita e a pintura sobre tela são incompatíveis. Respondendo à questão: a diversidade não me é cara, simplesmente acontece. Se escrevo, é porque preciso de escrever e, se não o faço, arrisco-me a perder o juízo. Se faço vídeos, é porque as imagens impressas no meu olhar exigem tomar forma. No fundo, sinto-me um instrumento nas mãos dos trabalhos, são eles que mandam em mim e considero importante respeitá-los, seja em que formato for.

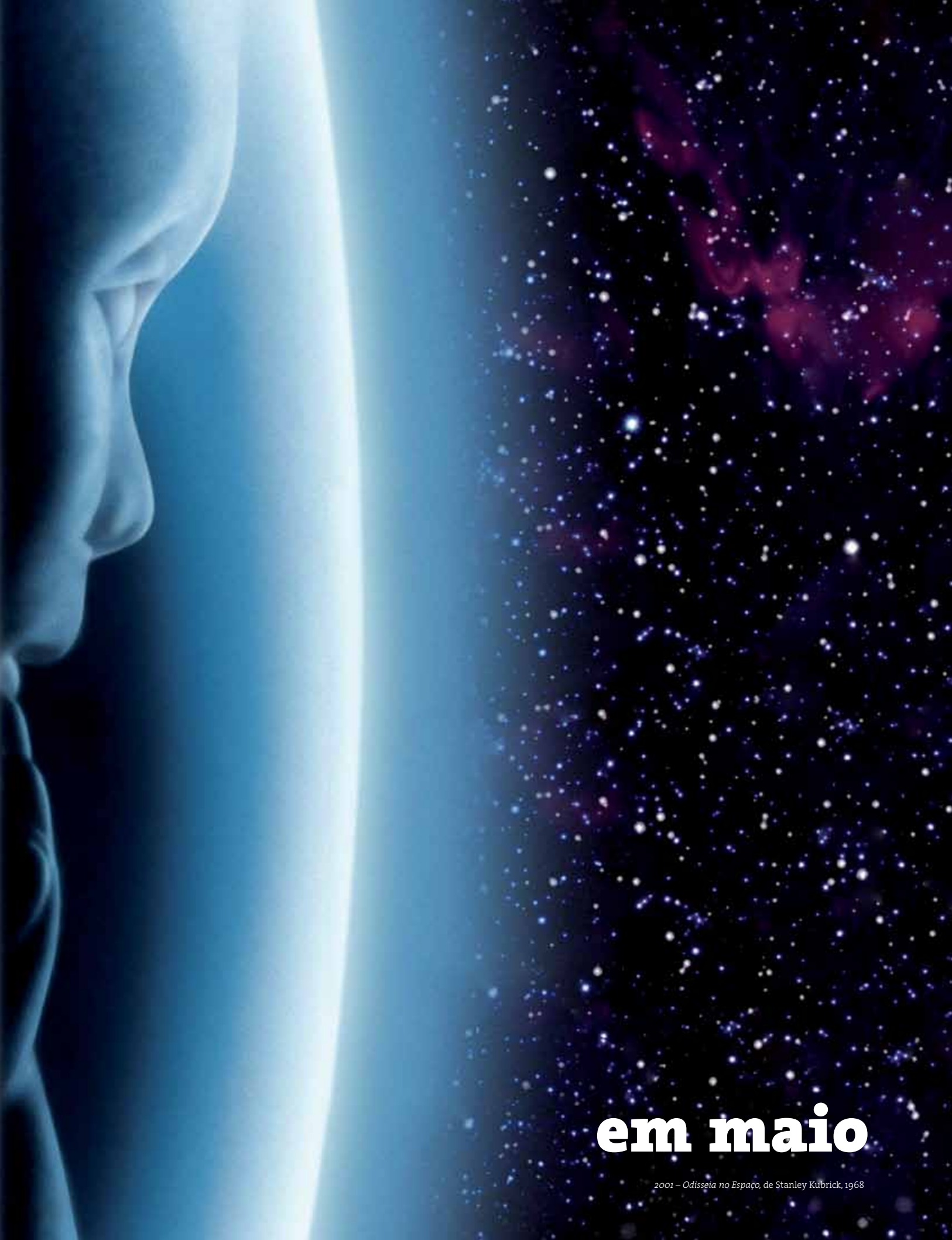
Como está a ser a experiência em Malmö?

Malmö tem-se desenvolvido muito nos últimos anos e existem locais com eventos e exposições interessantes. A proximidade com Lund e Copenhaga também permite visitar boas galerias e museus. Apesar deste florescimento, não deixa de ser uma cidade pacata – o que facilita a entrega ao trabalho. Eu passo os dias na faculdade, pois a Malmö Art Academy tem a enorme vantagem de estar sempre aberta e de dar a cada aluno um ateliê individual. São 60 alunos, entre licenciatura e mestrados, que partilham o edifício e as suas facilidades. A escola tem excelentes materiais audiovisuais, estúdios de som e fotografia, enfim, tudo aquilo que é preciso para testar formatos e produzir objetos. Para além disso, permite a cada aluno criar o seu plano curricular, convidando professores a visitar o seu ateliê e escolher quais os cursos que deseja frequentar. Não me vejo noutro tipo de instituição de ensino. Aqui reconhecem-me como artista e não somente como estudante.

Foi finalista do Prémio Anteciparte 2009. De que forma as distinções contribuem para a carreira de um artista?

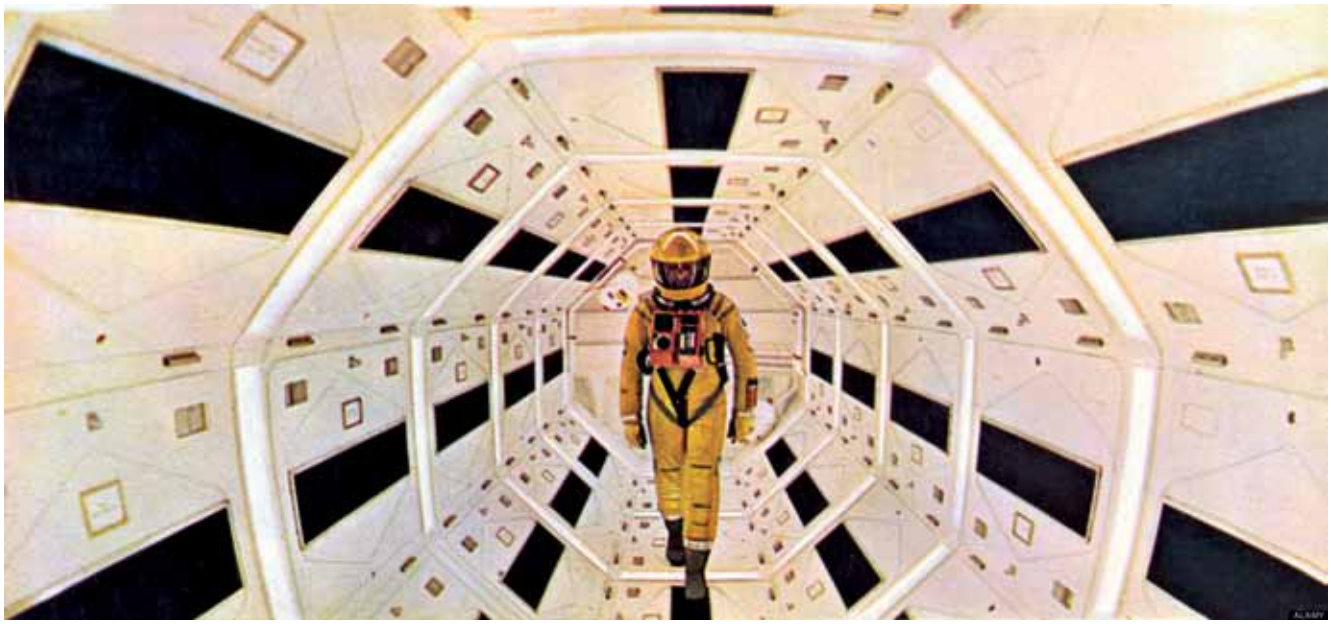
Os prémios atribuídos a "jovens artistas" podem ser muito aliciantes. Lembro-me do entusiasmo com que recebi a notícia do Anteciparte – era ainda estudante na FBAUL e naquele momento senti o mundo aos meus pés. Foi uma experiência interessante e não nego o seu valor, mas é preciso relativizar a importância dos prémios. É preciso sobretudo questionar quem os promove e atribui. Há profissionais que desejam integrar-se nas indústrias criativas e responder a exigências do mercado, há outros que desejam um percurso menos mediático. Estratégias na consolidação de uma carreira podem ou não existir. Seja como for, o bom uso de um prémio depende do momento da atribuição e dos objetivos de cada um. ■

** Mestrado em Artes Visuais na Malmo Art Academy, em Malmö, na Suécia.*



em maio

2001 – Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick, 1968



2001 – Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick, 1968

Odisseia no palco

Estreado em 1968, o filme* 2001 – Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick, é uma obra-prima do cinema. A utilização de música no filme foi tão impressiva que popularizou junto de um vasto público obras de Richard Strauss, György Ligeti e Johann Strauss. Nos dias* 7 e 8 de maio*, o filme é projetado no Grande Auditório acompanhado pela interpretação da banda sonora, ao vivo, pela Orquestra e o Coro Gulbenkian. Será uma celebração da relação entre imagens e música.

A escuridão desaparece lentamente e dá lugar a três corpos celestes a flutuar no espaço - a lua, a terra e o sol. As notas iniciais de *Assim Falou Zaratustra*, de Richard Strauss, criam a tensão que marca toda a cena e culminam numa visão do nosso planeta iluminado pelo sol. Por baixo lê-se *2001: A Space Odissey*. Assim começa um dos filmes mais marcantes da história do cinema, certamente um dos que mais conseguiu extrair da relação entre música e imagem. Em entrevista, Stanley Kubrick afirmava: "Pretendia que o filme fosse uma intensa experiência subjetiva que alcançasse um nível interior de consciência do espectador, tal como acontece com a música." Por isso, não será de estranhar a preponderância das escolhas musicais do realizador, chegando mesmo a rejeitar uma banda sonora que tinha sido composta especificamente para *2001* por Alex North, que já tinha sido responsável pela música de *Spartacus* e de *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*. Sobre o assunto, Kubrick chegou a dizer: "Para quê utilizar música que é menos boa, quando existe uma multitude de grandes peças orquestrais do nosso passado e presente?"

As escolhas acabaram por recair sobre as peças que o realizador de *Laranja Mecânica* tinha usado como guias durante a edição do filme. *Assim Falou Zaratustra*, de Richard Strauss, *Danúbio Azul*, de Johann Strauss, *Gayane*, do arménio Aram Khachaturian, e as peças *Atmosphères*, *Requiem* e *Lux Aeterna*, de György Ligeti (que apesar de admirar o filme, conta-se ter ficado ofendido por ter o trabalho dele ao lado das peças de Richard e Johann Strauss, de quem não gostava).

Quem marcar presença no Grande Auditório terá a oportunidade de assistir a algumas das mais famosas utilizações de música no cinema, como a longa cena de aterragem de uma nave numa estação espacial ao som da valsa *Danúbio Azul*, ou as recorrentes presenças desconcertantes do *Requiem*, de Ligeti, a sublinhar as aparições do monólito.

A quase lendária obsessão de Stanley Kubrick pela perfeição estendia-se bem para lá das imagens. Agora, a responsabilidade de corresponder ao critério sonoro do cineasta recai sobre as mãos da Orquestra Gulbenkian e as vozes do Coro Gulbenkian, sob a condução do maestro Robert Ziegler. ■



Jovens estrelas no Grande Auditório

Quarteto de Cordas de Matosinhos © João Vasco

A Gulbenkian Música apresenta, tal como na temporada anterior, um fim de semana* Rising Stars, *totalmente dedicado a jovens estrelas europeias em início de carreira. De 15 a 17 de maio, haverá concertos de jovens músicos em ascensão, como o Quarteto de Matosinhos, que abre o programa.

Os músicos foram escolhidos pelos diretores artísticos da European Concert Hall Organisation (ECHO), rede que associa as principais salas de concerto europeias e que conta com a Fundação Gulbenkian e a Casa da Música entre os seus membros. Os jovens selecionados têm a oportunidade de apresentar um recital com um reportório da sua escolha numa digressão que inclui salas como o Barbican em Londres, o Concertgebouw em Amesterdão ou o Muzikverein em Viena.

Para a edição deste ano foram selecionados 16 intérpretes, distribuídos por sete concertos a solo, duo, trio ou quarteto, apresentando um reportório variado que se estende ao jazz. Trata-se de uma oportunidade de ouro não só para a carreira dos intérpretes, que ganhará uma importante visibilidade, como também para o público, que poderá descobrir uma constelação de estrelas em ascensão.

A abrir o programa, na sexta-feira (**dia 15, 21h30**) atua o **Quarteto de Matosinhos**, um agrupamento que é já uma referência nacional, proposto, em conjunto, pela Fundação Gulbenkian e pela Casa da Música. Vítor Vieira (violino), Juan Carlos Maggiorani (violino), Jorge Alves (viola) e Marco Pereira (violoncelo), são os quatro elementos desta formação, criada em 2007 por iniciativa da Câmara Municipal de Matosinhos. "Jogando em casa", apresentam obras de Chostakovitch (Quarteto n.º8), Mendelssohn (Quarteto n.º2) e ainda as *Cenas nas Montanhas* do compositor português José Viana da Motta. Uma faceta de relevo neste grupo é o forte compromisso com o reportório nacional, que os leva a interpretar peças menos conhecidas e a estrear obras contemporâneas portuguesas.

Canto e piano no sábado

A soprano nigeriana **Omo Bello**, escolhida pela Cité de la Musique de Paris, é a primeira artista a subir ao palco do Grande Auditório no sábado (**16 maio, 16h**). Formada no Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris, a sua vocação musical começou a ser explorada depois de ter iniciado uma carreira de cientista. Transpor o foco da cabeça para o coração não foi uma tarefa fácil, reconhece, mas acabou por abandonar a ciência e enveredar por uma carreira artística. Terá sido uma decisão acertada já que, em 2014, venceu o Concurso Internacional de Ópera de Paris. Acompanhada ao piano por Clément Mao-Takacs,



Ashley Fripp © Studio 1b London



Michael Petrov © Kaupo Kikkas



Aaron Pilsan © Franck Juery – Naïve



Omo Bello © Patricia Dietzi



Mike Fletcher © John Watson

vai cantar um reportório de *bel canto*, com árias de Verdi, Rossini, Bellini, bem como canções de Tosti e Respighi.
Segue-se a atuação de **Aaron Pilsan**, jovem pianista austríaco **(16 maio, 18h)**, artista proposto pela Wiener Konzerthaus e pelo Musikverein Wien. Pilsan iniciou os seus estudos na Universidade Mozarteum de Salzburgo, prosseguindo a sua formação no Conservatório de Hanôver. Frequentou os cursos de aperfeiçoamento de Alfred Brendel e András Schiff e, apesar de ainda não ter completado 20 anos, acumulou já várias distinções e prémios. Nesta sua digressão, tocará obras de Bach, Beethoven, Chopin e Widmann.

Quatro recitais no domingo

A escolha do Barbican Centre de Londres recaiu sobre dois instrumentistas, **Ashley Fripp** (piano) e **Michael Petrov** (violoncelo) que inauguram a série de recitais de domingo **(dia 17, 15h)**. O primeiro, de nacionalidade britânica, formou-se na Purcell School e no Royal College of Music, tendo recebido diversos prémios individuais, incluindo o prémio atribuído pela Town Hall & Symphony Hall de Birminghan. Já Petrov, nascido na Bulgária, estudou na Yehudi Menuhin School e na Guildhall School of Music and Drama, obtendo, entre outros prémios, a medalha de ouro daquela prestigiada escola de música britânica. Juntos e a solo, darão a ouvir obras de Stravinsky, Chopin e César Franck.
O recital seguinte **(dia 17, 17h)** será protagonizado pelo **Quarteto Ardeo**, uma formação criada em 2001 por colegas do Conservatório de Paris: Carole Petitdemange (violino), Mi-Sa Yang (violino), Noriko Inoue (viola) e Joelle Martinez (violoncelo). Para além de uma das obras-primas do reportório para Quarteto de Cordas, *A Morte e a Donzela* de Schubert, vão apresentar uma peça do compositor francês contemporâneo Phillippe Schoeller. Este agrupamento foi uma sugestão conjunta do Bozar Brussels e do Het Concergebouw Amsterdam.
Mais para o fim da tarde **(dia 17, 19h)** entra em cena uma formação singular, o **Signum Saxophone Quartet**. Com base estabelecida em Colónia, esta formação é composta por músicos alemães e eslovenos: Blaž Kemperle (saxofone soprano), Erik Nestler (saxofone alto), Alan Lužar (saxofone tenor) e David Brand (saxofone barítono). Para além das peças de Glazunov e de Georg Friedrich Hass, escritas originalmente para quarteto de saxofones, o grupo apresenta ainda transcrições de obras de Gershwin, Barber e Sibelius. Indicado por várias entidades germânicas, a Kölner Philharmonie, Laeiszhalle Elbphilharmonie Hamburg, Festspielhaus Baden-Baden e Konzerthaus Dortmund, este agrupamento tem atuado em diferentes salas e festivais um pouco por todo o mundo.
A encerrar este pequeno festival de jovens estrelas entra em cena **(dia 17, 21h)** a única formação de jazz convidada, o **Mike Fletcher Trio**, proposto pelo Town Hall & Symphony Hall Birmingham. Saxofonista e compositor, Mike Fletcher, formado pelo Conservatório de Birmingham, dirigiu vários agrupamentos, atuando com músicos como Hans Koller, Mark Sandres ou Dan Weiss. Neste concerto apresenta o seu novo projeto, o Mike Fletcher Trio com os seus compatriotas Olie Brice (contrabaixo) e Jeff Williams (bateria), dando a ouvir músicas exclusivamente de sua autoria. ■

Está à venda um passe especial para os sete concertos no valor de 20 euros.



DakhaBrakha
Magia da Ucrânia

© Vadim Kulikov

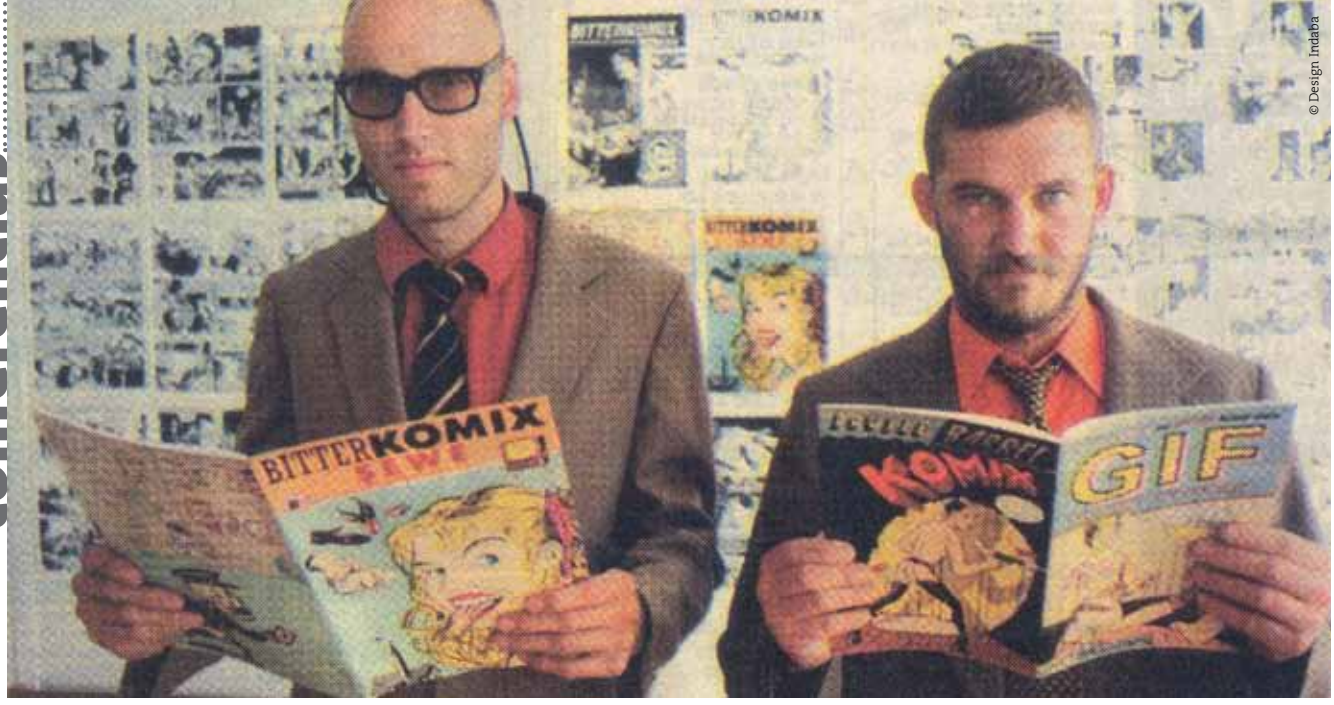
São um dos maiores fenómenos da chamada "world music". O quarteto ucraniano DakhaBrakha traz ao Grande Auditório a sua mistura única de influências dos mais variados pontos do globo – música invulgar por personagens invulgares, mas com um encanto universal.

Ethno-chaos ou "caos étnico", em português. É assim que os DakhaBrakha definem a sua música, e ouvindo o trabalho dos ucranianos não é difícil perceber porquê. As canções parecem ter sido cozinhadas num caldeirão para o qual foram atirados ingredientes de todas as partes do mundo, em cima de uma base sólida de tradição de leste. O resultado é estranhamente invulgar e acessível ao mesmo tempo, talvez consequência desses familiares temperos que nos confortam os ouvidos pelo meio dos desconhecidos territórios do folclore ucraniano. Marko Halanevych, Iryna Kovalenko, Olena Tsibulska e Nina Garenetska, o homem e as três mulheres que formam o grupo, parecem ter uma clara noção desta abordagem. O próprio nome, derivado dos verbos "dar" e "tirar", parece comprová-lo.

O espetáculo dos DakhaBrakha é também visual. As indumentárias tradicionais e os altos chapéus pretos usados pelas três mulheres do grupo causam um impacto que, no entanto, é rapidamente superado pelas harmonias vocais invulgarmente encantatórias das três cantoras. As vozes são acompanhadas pelo ritmo constante de um violoncelo e as batidas hipnotizantes dos variadíssimos instrumentos de percussão.

A instrumentação também representa a multiculturalidade que incutem nas suas músicas. Num palco dos DakhaBrakha podem ver-se instrumentos tradicionais da Rússia e da Ucrânia, como o *bugay*, a *zhaleyka* e a *garmoshka*, e outros de pontos tão distantes do mundo como o *didgeridoo* australiano, a tabla, da Índia ou o djembé, originário da zona do Mali – tudo em conjunto com instrumentos que nos são mais familiares e próximos, como o trombone e o acordeão. Já a música é mais difícil de definir e de localizar. Há um sentimento de constante atração para velhos territórios soviéticos, num tempo e num lugar que não conhecemos, mas há uma contemporaneidade universal que nos empurra de volta para o nosso lugar. Entre batidas e *drones*, bem ao estilo do século XXI, por vezes a música dos DakhaBrakha parece pedir mais uma pista de dança do que um auditório, noutras alturas sente-se a influência do *hip-hop*, e há muito mais no universo étnico e caótico do grupo, como, por exemplo, na *soul* do tema *Baby* (mais Al Green do que Justin Bieber).

A música dos DakhaBrakha parece ter sido feita de todo o mundo para todo o mundo. O Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian oferece um cenário único para poder ser disfrutada na sua totalidade – mesmo que os DakhaBrakha não necessitem de grandes condições técnicas para poderem fazer a sua arte, os seus espetáculos funcionam tanto em auditórios como em festivais como o FMM de Sines (onde estiveram em 2013) ou nas margens do rio Deniépre, em Kiev (uma rápida pesquisa no Youtube poderá comprová-lo). O concerto será no dia **23 de maio, às 21h**, inserido no ciclo Músicas do Mundo. ■



© Design Indaba

Outras literaturas no Próximo Futuro

Banda Desenhada, Policial e Ficção Científica

"Acho que a banda desenhada permite aceder facilmente a estereótipos, o que é importante para quem faz sátira. Quanto mais simples for uma imagem, mais clara se torna para o leitor. O problema, contudo, é que a imagem pode parecer simples, mas a mensagem é muitas vezes complexa." A afirmação é do autor sul-africano Anton Kannemeyer (n. 1967), cofundador com Conrad Botes, em 1992, da *Bitterkomix*, uma revista de banda desenhada que nasceu como crítica satírica à cultura conservadora *afrikaner*, ambiente no qual os dois artistas cresceram. Anton Kannemeyer estará na Fundação Calouste Gulbenkian para participar no ciclo Outras Literaturas, que o Próximo Futuro organiza em três sessões: Banda Desenhada, Policial e Ficção Científica.

Para a primeira sessão, *Sem mutantes nem conservantes: a Banda Desenhada e o diálogo intercultural* **(15 maio, 15h-18h)**, Anton Kannemeyer junta-se a Posy Simmonds (n. 1945, Reino Unido), cujo trabalho marcou presença regular durante muitos anos nas páginas do *The Guardian* e que é autora das novelas gráficas *Gemma Bovery* (1999) e *Tamara Drewe* (2006), ambas adaptadas ao cinema. A completar a mesa, estará Marcelo D'Salete (n. 1979, Brasil). Os três autores convidados não estarão "em representação dos seus países, línguas, géneros, tipos de Banda Desenhada, ou sequer dela mesma enquanto disciplina", nota Pedro Moura, que comissariou a exposição *Tinta nos Nervos*, em 2011, no Museu Berardo, e que terá a seu cargo a moderação deste encontro. O objetivo será sobretudo dar conta do diálogo que uma dada forma artística consegue ter com o seu tecido cultural.

A segunda sessão, *O crime na literatura* **(16 maio, 10h-13h)**, vai debater o género policial. Desenvolvido a partir do século XIX, sobretudo nos mundos anglo-saxónico e francês, tem vindo a conquistar novos mercados, como o africano ou o da América do Sul. O que leva o público leitor a entusiasmar-se com esta literatura e a contribuição do género para a reflexão sobre o mundo contemporâneo serão questões a atravessar o debate com a participação de Claudia Piñeiro (Argentina), Raphael Montes (Brasil) e Florent Couao-Zotti (Benim), e moderação de Gonçalo Vilas-Boas (Portugal).

A última sessão do ciclo Outras Literaturas é dedicada à Ficção Científica. *Raparigas cintilantes e gente animalada. Vampiros fruto de engenharia genética. Um contra-ataque aos marcianos, com Júlio Verne e H. G. Wells a desvendar mistérios* **(16 maio, 15h-18h)** é o longo título que dá mote para o debate sobre o género literário que associa ao progresso tecnológico o *thriller* policial, o fantástico e o terror. A partir de mundos imaginados em três continentes, a discussão da natureza e da geografia da Ficção Científica contemporânea passará também pela exibição de curtas-metragens produzidas em África, na América do Sul e na Europa, procurando desvendar não só as potencialidades que o género literário tem hoje para oferecer enquanto arma de crítica social, mas também como instrumento de construção do devir – um futuro que o leitor de Ficção Científica muitas vezes pressente como estando assustadoramente próximo. Com Fábio Fernandes (Brasil), João Manuel Rosado Barreiros (Portugal) e Lauren Beukes (África do Sul); Fátima Vieira modera. ■

Jorge Ferreira de Vasconcelos
Um dramaturgo a descobrir



O dramaturgo quinhentista Jorge Ferreira de Vasconcelos é a figura central de um colóquio a realizar na Fundação Calouste Gulbenkian nos dias **28 e 29 de maio**. Esta iniciativa enquadra-se nas comemorações do quinto centenário do seu nascimento e resulta de uma parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian, a Biblioteca Nacional e o Teatro Maizum.

O colóquio vai reunir académicos e especialistas, portugueses e estrangeiros, que ajudarão a conhecer um autor pouco estudado, nascido em 1515, que se distinguiu, na época, pelo seu teatro de comédia, desafiando as regras e normas do seu tempo.

No centro destas comemorações está Silvina Pereira, do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, fundadora do Teatro Maizum e autora do ensaio *Tras a nevoa vem o sol – as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos*. A investigadora e encenadora fala desta figura ímpar da dramaturgia portuguesa, que, 500 anos depois, permanece, afinal, tão atual.

Cinco séculos após o seu nascimento o que podemos aprender com um autor como Jorge Ferreira de Vasconcelos?

Nas suas comédias, Jorge Ferreira de Vasconcelos fala-nos das paixões e sonhos, das fraquezas e vulnerabilidades dos homens e das mulheres do seu tempo. *Eufrosina* oferece-nos a sua visão do amor, que vence contrariedades e interesses mesquinhos e que se afirma triunfante, qual utopia otimista à beira do Mondego. A vitória do amor, contra a convenção social, é aqui conquistada pela emoção e pela razão quando Philotimo, com argumentos sábios, convence o pai de Eufrosina a aceitar a escolha da filha. Poderia ter acabado muito mal esta história, poderia o Doutor Carrasco ter legalmente destruído os planos do jovem casal de enamorados, mas tal não acontece. Triunfo vitorioso do amor, da livre escolha e da dignidade humana.

Ulysippo, apresentada sob a égide de Mercúrio, "ídolo das mercâncias", mostra-nos como os portugueses andavam numa roda-viva, sem ocupação, sem dinheiro e sem trabalho, restando-lhes esperar despacho de partida para longes terras, ganhando ou perdendo a vida nessa miragem de


Silvina Pereira



Comedia Eufrosina, com Guilherme Gomes, Anaísa Carpelho e Mónica Talina © Márcia Lessa

lucro fácil que era a Índia. Nessa feira da vida lisboeta, o velho e devasso Ulysippo quer divertir-se fora de casa e manter a mulher e as filhas emparedadas e o filho à distância. No final, tudo lhe sai ao contrário e podemos dizer que esta é a história do crime e castigo do cidadão Ulysippo.

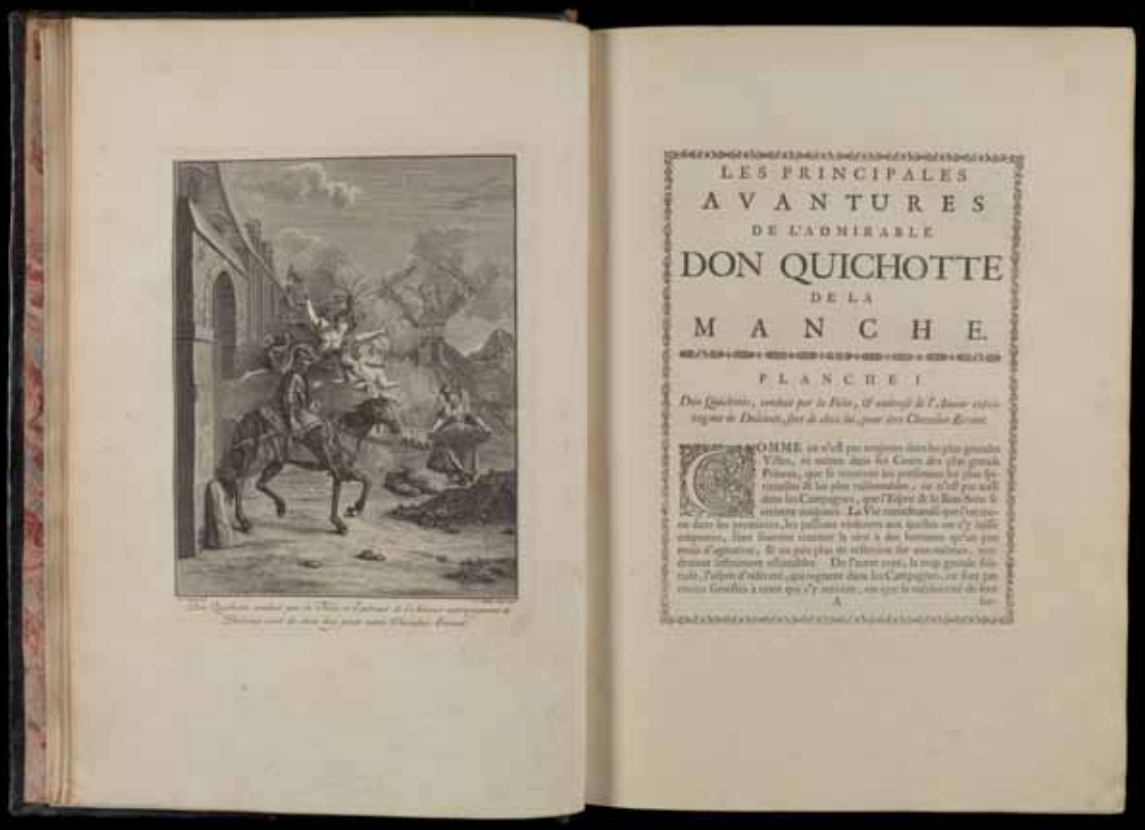
Aulegrafia apresenta-nos, com fina agudeza, um retrato crítico da corte. O mundo transformou-se num lugar perigoso, absurdo e desconcertante e as suas personagens respiram, nesse mundo áulico, ambição, intriga e mentira. Conhece-se aqui a experiência do engano e da deceção, a crise de valores, o mundo às avessas e a morte do amor.

Neste tríptico de comédias os temas são imortais e universais, de ontem e de hoje, e constituem o grande teatro da vida humana. Ensinam-nos a compreender o nosso mundo, o que fomos e o que somos. Um teatro de inteligência e graça satírica que ainda hoje nos interpela, desafia e perturba.

O QUE SERÁ FEITO PARA RESGATAR ESTE AUTOR BRILHANTE DO ESQUECIMENTO?

O V Centenário de Jorge Ferreira de Vasconcelos alimenta-se de três desejos: que a sua obra seja lida, estudada e representada. Para responder a esses objetivos foi concebido um projeto multidisciplinar com quatro grandes iniciativas: um Ateliê de Teatro Renascentista português que decorreu em outubro passado na Fundação Calouste Gulbenkian, e que teve como texto de trabalho a *Comédia Eufrosin*a, envolvendo escolas do ensino artístico; uma exposição na Biblioteca Nacional, a inaugurar no dia 12 de maio, que dará a conhecer ao público a sua figura e obra, praticamente desconhecidas; um colóquio internacional, *Jorge Ferreira de Vasconcelos – Um Homem do Renascimento*, a realizar na Fundação Calouste Gulbenkian, a 28 e 29 de maio, onde se irá reunir a família vasconceliana; e, por fim, a encenação da *Comédia Aulegrafia*, dando ao espectador de hoje a possibilidade de fruir de um texto tão inteligente quanto teatral. Uma dimensão artística em língua portuguesa que o público não vê nos palcos nacionais. Isto, porque a sua obra é uma das joias da coroa que já não temos. Mas, temos a joia. ■

Jorge Ferreira de Vasconcelos
Um Homem do Renascimento
28 e 29 de Maio
AUDITÓRIO 3
http://vcentenariojfv.weebly.com/



LES PRINCIPALES AVANTURES DE L'ADMIRABLE DON QUICHOTTE [...] La Haie : Pierre de Hondt, 1746, Museu Calouste Gulbenkian [LA21] © Carlos Azevedo

Uma obra em foco no Museu Gulbenkian

Continuam expostos no Museu Gulbenkian os dois exemplares ilustrados da obra D. Quixote adquiridos por Calouste Gulbenkian, normalmente mantidos nas reservas. Esta pequena mostra, que inclui duas outras edições pertencentes à Biblioteca de Arte da Fundação, celebra os 400 anos da edição da primeira parte desta obra-prima intemporal de Cervantes. Em torno desta iniciativa, que conta com o apoio do Instituto Cervantes, tem lugar um programa de leituras, conferências, filmes e oficinas. Destaca-se no dia **28 de maio, às 15h**, um encontro com João Carvalho Dias, conservador do Museu. ■

D. Quixote 1605/1615
Museu Calouste Gulbenkian
Até 14 de junho

até 26 maio



© Mariano Piçarra

Uma Biblioteca Humanista

Os objetos procuram aqueles que os amam

Curadoria: Vanda Anastácio
Galeria de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian

ATÉ 31 MAIO

Miguel Ângelo Rocha

~~Antes e depois~~

Música: Pedro Moreira, José Luís Ferreira, André Fernandes

Curadoria: Nuno Crespo

CAM

© Paulo Costa



Bernard Frize, SHOSO, 2003 © André Morin

Bernard Frize

Isto É Uma Ponte

Curadoria: Isabel Carlos

CAM

Animalia e Natureza na coleção do CAM

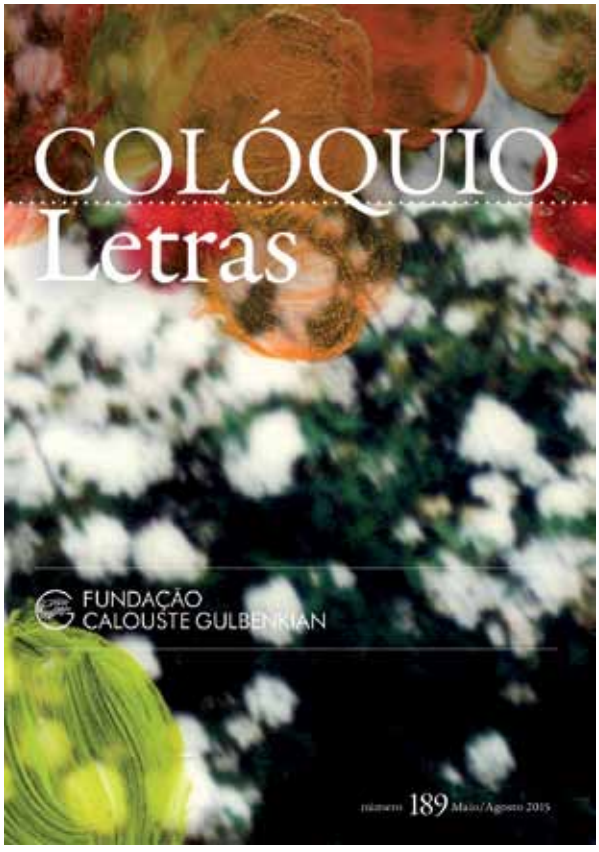
Curadoria: Isabel Carlos e Patrícia Rosas

CAM

Arshile Gorky e a coleção

Curadoria: Isabel Carlos, Ana Vasconcelos, Leonor Nazaré e Patrícia Rosas

CAM



Identidades na Colóquio/Letras

O novo número da revista *Colóquio/Letras*, dirigida pelo poeta Nuno Júdice, põe o acento nas questões de Identidade. Sob esse foco e numa perspetiva comparatista, são olhadas lado a lado, obras de Bernardo Carvalho e João Guimarães Rosa, Herberto Helder e Manuel Bandeira, Al Berto e Gilberto Mendonça Teles, Michel Onfray e Rilke. O tema da busca identitária é ainda abordado em Maria Velho da Costa e Nuno Bragança.

O método comparatista é seguido também num estudo sobre Eduardo Lourenço e Maria Gabriela Llansol bem como na análise das relações entre poesia e fotografia, a propósito de um livro que junta os poetas João Miguel Fernandes Jorge e Ruy Belo e o fotógrafo Jorge Guerra. O simbolismo do cavalo é explorado num texto sobre António Lobo Antunes e o tempo e a memória em dois artigos sobre Lídia Jorge. O editorial da revista faz ainda alusão aos dois escritores desaparecidos nos últimos meses – Luísa Dacosta e Herberto Helder.

Em anexo, é publicada a lição inaugural de Phillip Rothwell sobre Camões e o império colonial português. Phillip Rothwell sucede a T. F. Earle na cátedra D. João II de Estudos Portugueses da Universidade de Oxford, facto que é salientado no editorial de Nuno Júdice como de grande importância para a difusão da cultura portuguesa e lusófona.

Como habitualmente, a capa e os separadores são assinados por um artista plástico. Desta vez, os desenhos e formas de Marta Wengorovius enchem de cor a *Colóquio/Letras*. ■

Outras edições:

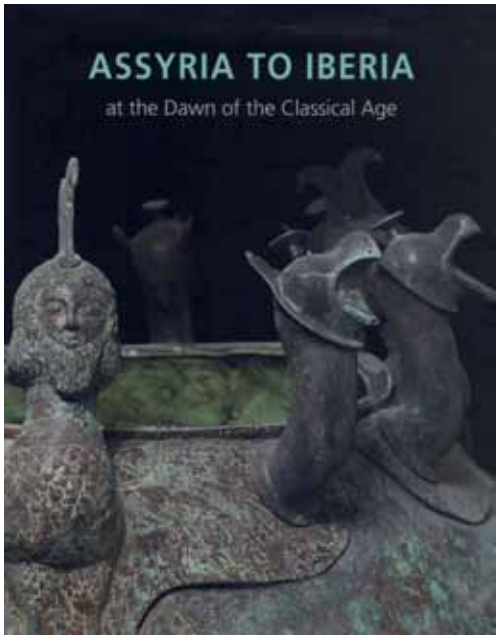
Restauro e Renovação do Grande Auditório
Ana Tostões

Edifícios e Jardim – Renovação 1998-2014
Teresa Nunes da Ponte e Aurora Carapinha

Da essência da Crítica e outros textos
Friedrich Schlegel

Catálogos de Exposições na

Biblioteca de Arte

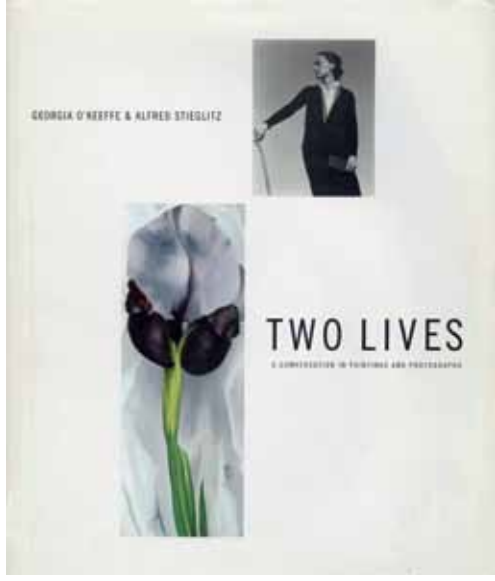


Na região geográfica situada entre os rios Tigre e Eufrates, conhecida por Crescente Fértil, floresceram outrora as mais antigas civilizações da Mesopotâmia, cujos vestígios arqueológicos têm sido, nos últimos tempos, alvo da barbárie humana que tem destruído o que a passagem do tempo poupou. A grande exposição que o Metropolitan Museum (Nova Iorque) apresenta até ao início de janeiro do próximo ano, reúne e mostra aos visitantes cerca de 260 obras – baixos-relevos de antigos palácios, esculturas em bronze e marfim, joias... – que testemunham a história de algumas dessas civilizações durante o primeiro milénio a. C. , como a da Assíria, e das relações comerciais com outros povos da zona do Mediterrâneo, como os Fenícios que, com as suas viagens, fizeram a ligação cultural entre o Atlântico, o norte de África e o Próximo Oriente.

O extenso e muito bem documentado livro que acompanha esta exposição – como ela intitulado *Assyria to Iberia at the Dawn of Classical Age*, com a coordenação editorial e a curadoria de Joan Aruz, conservadora responsável pelo departamento de Arte da Antiguidade do Próximo Oriente do MET – está dividido em seis partes, cada uma das quais contendo vários ensaios de cerca de 80 especialistas na história e na arte das civilizações da antiguidade do Mediterrâneo e do Próximo Oriente. Profusamente ilustrado, não só com as peças em exposição, mas também com mapas e fotografias dos sítios arqueológicos, contém também uma extensa e exaustiva bibliografia. ■

O museu que alberga a The Phillips Collection, em Washington D.C., foi aberto ao público em 1921 e foi um dos primeiros museus de arte moderna do continente americano. No seu acervo, contam-se obras de artistas como Renoir, Pierre Bonnard, Henri Matisse, Mark Rothko e Georgia O'Keeffe. Foi precisamente a relação criativa entre a pintora Georgia O'Keeffe (1887-1986) e o seu marido Alfred Stieglitz (1864-1946) que deu o mote a uma exposição realizada naquele museu em 1992, tendo posteriormente sido apresentada noutros museus americanos.

O'Keeffe e Stieglitz são dois dos nomes mais importantes da cena artística americana da primeira metade do século XX e o seu trabalho tem sido objeto de diversas exposições e publicações. Tal como a exposição *Two lives: Georgia O'Keeffe & Alfred Stieglitz, a conversation in paintings and photographs*, o livro com o mesmo título pretendeu explorar aspetos menos conhecidos da "conversação" criativa que se estabeleceu entre as suas obras e que nelas se refletiu, levando-as a inspirarem-se mutuamente. A coordenação editorial é de Alexandra Arrowsmith e Thomas West, está dividido em três partes, cada uma com um ensaio da autoria, respetivamente, de Belinda Rathbone, Roger Shahuck e Elisabeth Hutton Turner, e as reproduções das obras correspondentes; contém ainda a biografia dos artistas e uma cronologia ilustrada. ■



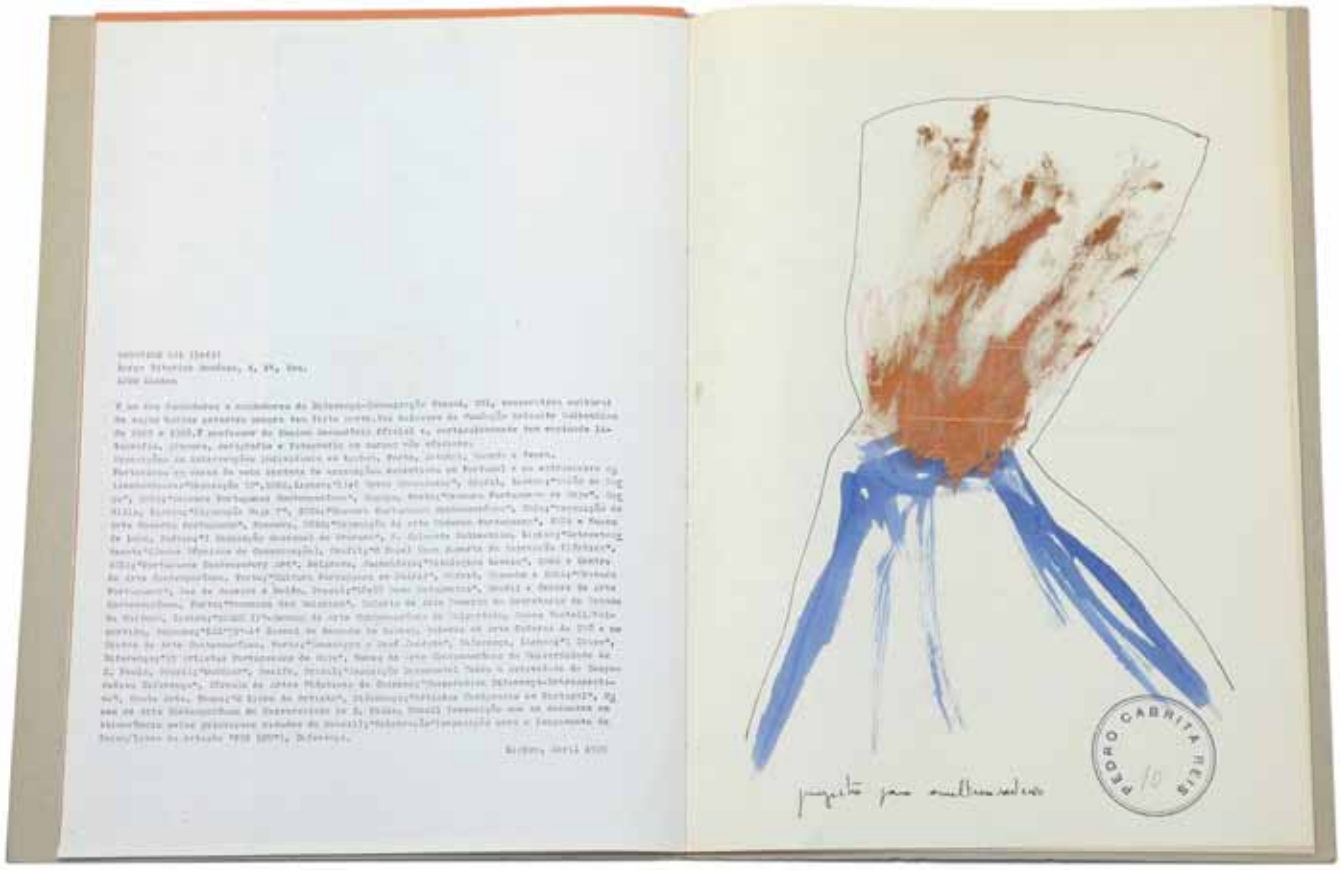
uma obra

Biblioteca de Arte
Diferença/Diálogo

Há precisamente 30 anos, a *Exposição-Diálogo sobre a Arte Contemporânea na Europa* surpreendia os lisboetas e dava-lhes a conhecer algumas das mais relevantes vertentes da criação artística contemporânea. Ocupando todos os espaços expositivos do recém-inaugurado Centro de Arte Moderna (CAM), e ainda as galerias do Edifício-Sede da Fundação Calouste Gulbenkian, esta exposição esteve aberta entre 28 de março e 16 de junho de 1985. A sua conceção inicial – sob o alto patrocínio do Conselho da Europa – pertenceu ao prestigiado crítico e historiador de arte René Berger, à época presidente de honra da AICA (Associação Internacional dos Críticos de Arte), que desejou que esta *Exposição-Diálogo* fosse a primeira de várias a realizar noutros museus europeus, com outros artistas. Aos museus participantes pertenceria a produção e a seleção dos artistas e das obras a expor. Para a exposição de Lisboa, o Museum Moderner (Viena), o Museum van Hedendaagse Kunst (Gand), a Nationalgalerie Staatliche Museen Preussischer Kulturbesitz (Berlim), a Galleria Nazionale d'Arte Moderna (Roma), o Museum Boymans Van Beuningen (Roterdão), o Moderna Museet (Estocolmo), a Sonja Henie-Niels Onstad Foundations (Oslo) e o Centro de Arte Moderna escolheram cerca de 200 obras de 86 artistas das suas coleções, entre os quais Carl Andre, Joseph Beuys, Francesco Clemente, Lucio Fontana, Gilbert&George, Sol LeWitt, Nam June Paik, Robert Rauschenberg, Gerhard Richter e Alberto Burri. Em paralelo, o Acarte, de Madalena Perdigão, desenvolveu um estimulante programa dedicado às artes performativas, com espetáculos de teatro, música e performances.

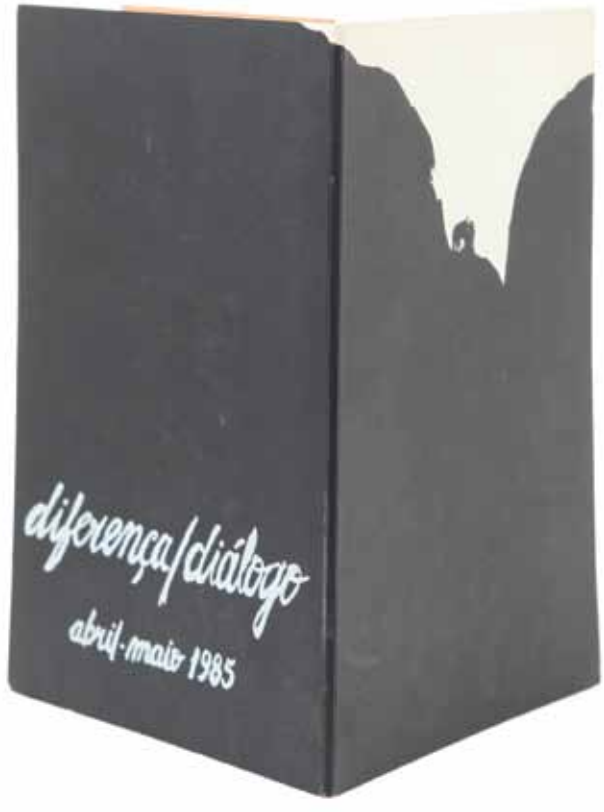
Se esta *Exposição-Diálogo* – primeira e única – foi, com mais ou menos entusiasmo, considerada um acontecimento importante no contexto nacional das artes, não ficou, porém, isenta de apreciações negativas tanto da parte dos críticos como dos artistas. A maior contestação recaiu nas escolhas do CAM que, talvez pela escassa representação de obras de artistas estrangeiros na sua ainda recente coleção, selecionou apenas obras de artistas nacionais: Ângelo de Sousa, Costa Pinheiro, Júlio Pomar, Jorge Martins, Lourdes Castro e Paula Rego. Por outro lado, como sublinhou num artigo do *Expresso* o crítico José Luís Porfírio, com esta escolha o CAM "apostou quase exclusivamente em pintura de cavalete". Contudo, não foi tanto a opção por artistas portugueses, mas a aposta forte na pintura que foi considerada uma visão redutora e pouco representativa do estado da criação artística contemporânea portuguesa marcada, nos anos de festa que se seguiram a 1974, pela experimentação estética que a exposição *Alternativa Zero*, concebida por Ernesto de Sousa, mostrou em 1977.

E foi Ernesto de Sousa quem organizou uma das diversas exposições coletivas que algumas galerias lisboetas apresentaram sob o signo da *Exposição-Diálogo*. Intitulada *diferença/diálogo*, a exposição aconteceu no espaço da Cooperativa Diferença Comunicação Visual, de que Ernesto de Sousa foi um dos fundadores (em 1979), com Helena Almeida, Irene Buarque, José Carvalho, José Conduto, Monteiro Gil, António Palolo, Fernanda Pissarro, Maria Rolão e Marília Viegas. O longo título – "Diálogo in-diferente sobre a arte contemporânea ou as distracções do poder" – do curto texto de Ernesto de Sousa para o catálogo deixava adivinhar as suas críticas. Aliás, esse texto é uma espécie de manifesto do que Ernesto de Sousa pensava da representação portuguesa na *Exposição-Diálogo*: "[...] estamos num país de memória curta, em que cada sujeito está em grande parte dependente do discurso do Poder (e eu acrescento: não só o Poder do dinheiro, político ou administrativo; mas ainda pior; o Poder dos que sabem ou pensam saber). Nestes casos, a actividade estética precisamente terá que desdizer, subverter o discurso do Poder, e as suas regras... E não temer ir em busca do inesperado..." Dos 19 artistas presentes – Alberto Carneiro, Alberto Picco, Ana Vieira, Artur Rosa, Carlos Nogueira, Eduardo Nery, Ernesto de Sousa, Filipe Jorge, Helena Almeida, Irene Buarque, Joaquim Tavares, Manoel Barbosa, Manolo Calvo, Miranda



Justo, Monteiro Gil, Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez, Rosa Carvalho e Wolff Vostell –, quase todos eram sócios da Diferença e cada um deles foi responsável por uma ou duas páginas do catálogo que, generosamente, foi oferecido aos visitantes. Este catálogo é duplamente importante, pois, para além de perpetuar no tempo a exposição, é também um catálogo "de artista", concebido por alguns dos artistas e editado pela própria galeria, com uma tiragem limitada, sendo que cada exemplar contem intervenções originais de Helena Almeida, Irene Buarque, Joaquim Tavares, Manoel Barbosa, Pedro Calapez e Pedro Cabrita Reis. ■

Ana Barata



TÍTULO/ RESP Diferença/Diálogo : Alberto Carneiro, Alberto Picco, Ana Vieira... / concepção e coordenação Helena Almeida, Irene Buarque, Alberto Picco, Monteiro Gil e Alexandre David ; pref. Ernesto de Sousa
PUBLICAÇÃO Lisboa : Cooperativa Diferença, 1985
DESCR. FÍSICA [46] p. : il. color. ; 30 cm
NOTAS Livro de artista. Obra publicada por ocasião da exposição organizada e patente na Galeria Diferença, Lisboa, entre Abril-Maio de 1985. Exemplares com originais de Helena Almeida, Irene Buarque, Joaquim Tavares, Manoel Barbosa, Pedro Calapez e Pedro Cabrita Reis
COTA(S) LA 149 ; LA 149.2

Dia da Biodiversidade

23 mai, sáb

Centro Interpretativo Gonçalo Ribeiro Telles
Visitas e oficinas para todas as idades

Silvadesigners



GULBENKIAN
DESCOBRIR

www.descobrir.gulbenkian.pt

Parceiro
COMPAL 1952